



CARTILHA EDUCATIVA DE SAÚDE

ACOLHIMENTO DAS **PESSOAS TRANS** NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Um guia prático para profissionais e equipes
da Atenção Primária à Saúde

Geomarry Silva Nascimento

CARTILHA EDUCATIVA EM SAÚDE
ACOLHIMENTO DAS PESSOAS TRANS NA
ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE
Um guia prático para profissionais e equipes da
atenção primária a saúde

Autora

Geomarry Silva Nascimento
Enfermeira especialista em saúde coletiva pela Universidade
Federal da Bahia (UFBA).



2026

Copyright © Editora Humanize

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Direito de publicação concedida a Editora Humanize

Autora

Geomarry Silva Nascimento

Editora Responsável

Editora Humanize

Revisão Editorial, Normalização e Catalogação

Equipe Técnica da Editora Humanize

Projeto Gráfico e Diagramação

Equipe de Design Editorial da Editora Humanize

Publicação

Editora Humanize

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (Editora Humanize, BA, Salvador)

N244a
AS21089 NASCIMENTO, Geomarry Silva.

Acolhimento das Pessoas Trans na Atenção Primária à Saúde – Bahia / BA: Editora Humanize, 2026

1 Livro digital; p. 16; ed. I; il.

CDD 362.1

ISBN: 978-65-5255-225-9

CDU 614.2:613.885

1. Pessoas trans. 2. Atenção Primária à Saúde. 3. Acolhimento em saúde. 4. Saúde integral. 5. Equidade em saúde.

1. Serviços de saúde / saúde pública - CDD: 362.1

2. Serviços de saúde e população trans - CDU: 614.2:613.885

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha foi elaborada como material educativo para apoiar profissionais e equipes da Atenção Primária à Saúde (APS) no acolhimento e no cuidado das pessoas trans. Sua proposta parte da compreensão de que o acesso à saúde é um direito universal e de que o cuidado integral exige respeito à identidade de gênero, escuta qualificada, equidade e ausência de discriminação.

O conteúdo dialoga com o pré-projeto de Geomarry Silva Nascimento, que propõe a construção participativa de um guia de cuidado em saúde para pessoas trans, com foco na formação e qualificação dos profissionais da APS. O projeto destaca barreiras institucionais, estigma, discriminação, lacunas de formação e a importância do protagonismo das próprias pessoas trans na construção de práticas de cuidado.

ACOLHER NÃO É APENAS RECEBER. É GARANTIR QUE A PESSOA SEJA OUVIDA, RESPEITADA E CUIDADA COM DIGNIDADE.

COMO UTILIZAR ESTE GUIA

- Use-o em reuniões de equipe, educação permanente e momentos de discussão de casos.
- Adapte os fluxos às características e à rede de saúde do seu município.
- Confronte práticas que produzam constrangimento, invisibilidade ou barreiras de acesso.

S U M Á R I O

1.POR QUE O ACOLHIMENTO IMPORTA?	6
2.QUEM SÃO AS PESSOAS TRANS?	7
3.PRIMEIRO CONTATO: A PORTA DE ENTRADA.....	8
4.NOME SOCIAL, PRONOMES E COMUNICAÇÃO	9
5.O QUE FAZER — E O QUE EVITAR	10
6.CUIDADO INTEGRAL NA APS	11
7. QUANDO ENCAMINHAR — E COMO GARANTIR CONTINUIDADE.....	12
8. SITUAÇÕES PRÁTICAS PARA A EQUIPE ...	13
9. CHECKLIST DE UM SERVIÇO ACOLHEDOR	14
10. MENSAGEM FINAL.....	15
REFERÊNCIAS.....	16

1. POR QUE O ACOLHIMENTO IMPORTA?

Destaca-se que pessoas trans ainda podem vivenciar discriminação, estigma e barreiras de acesso na Atenção Primária. Essas experiências podem afastar usuários dos serviços, reduzir a procura por cuidado preventivo e fragmentar a trajetória de atenção.

Na APS, o acolhimento é estratégico porque o serviço funciona como importante porta de entrada do SUS e pode acompanhar a pessoa ao longo do tempo. Um encontro respeitoso pode fortalecer o vínculo; uma experiência discriminatória pode produzir o efeito contrário.

Barreiras que podem aparecer

- Uso indevido do nome de registro ou de pronomes.
- Perguntas sobre corpo, vida íntima ou transição sem relação com a demanda apresentada.
- Suposição de que toda pessoa trans procura o serviço por questões relacionadas à transição.
- Falta de privacidade ou exposição desnecessária da identidade de gênero.
- Ausência de fluxos claros e profissionais inseguros sobre como conduzir o cuidado.

A QUALIDADE DO ACOLHIMENTO COMEÇA ANTES DA CONSULTA: NA RECEPÇÃO, NO CADASTRO, NA SALA DE ESPERA E EM CADA INTERAÇÃO DA EQUIPE.

2. QUEM SÃO AS PESSOAS TRANS?

Pessoas trans são aquelas cuja identidade de gênero não corresponde ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. O termo engloba diferentes experiências, incluindo pessoas transexuais, travestis e outras identidades de gênero.

Identidade de gênero, orientação sexual e características corporais são dimensões diferentes. Uma pessoa trans pode ter qualquer orientação sexual e diferentes necessidades de saúde. Por isso, o cuidado deve partir da pessoa e de suas necessidades concretas, e não de pressupostos.

NÃO EXISTE UM ÚNICO “JEITO DE SER TRANS”. EVITE GENERALIZAÇÕES E PERGUNTE O QUE É RELEVANTE PARA O CUIDADO.

O que isso significa para a APS?

- Reconhecer a singularidade de cada usuário.
- Investigar necessidades de saúde como seria feito com qualquer pessoa, com sensibilidade às especificidades individuais.
- Não reduzir o atendimento à identidade de gênero.
- Considerar contexto social, vulnerabilidades, saúde mental, sexualidade, prevenção e demais necessidades quando pertinentes.

3. PRIMEIRO CONTATO: A PORTA DE ENTRADA

O acolhimento começa no primeiro contato com o serviço. Recepção, agentes comunitários de saúde, enfermagem, medicina, odontologia e demais trabalhadores participam da construção de um ambiente seguro.

Na chegada

- Cumprimente a pessoa de forma cordial e profissional.
- Pergunte como ela prefere ser chamada e utilize essa forma de tratamento.
- Evite anunciar em voz alta informações que possam constranger ou expor a pessoa.
- Garanta privacidade para informações pessoais e de saúde.

Na escuta inicial

- Comece pela demanda apresentada: “Como podemos ajudar você hoje?”
- Faça perguntas necessárias para o cuidado, explicando quando uma pergunta for sensível.
- Não pressuponha que a queixa tenha relação com a identidade de gênero.
- Se você não souber algo, reconheça a dúvida e procure orientação em vez de improvisar.

ACOLHIMENTO QUALIFICADO = ESCUTA + RESPEITO + PRIVACIDADE + RESOLUTIVIDADE.

4. NOME SOCIAL, PRONOMES E COMUNICAÇÃO

O respeito ao nome social é uma medida básica de dignidade e de acesso humanizado à saúde. O Ministério da Saúde orienta que o nome social seja respeitado nos serviços e registros, evitando constrangimentos relacionados ao nome civil.

Boas práticas de comunicação

- “Como você gostaria de ser chamado(a)?”
- “Quais pronomes devo usar para me referir a você?”
- Use o nome e os pronomes informados durante todo o atendimento.
- Se errar, corrija-se de forma breve e siga a conversa.
- Evite transformar a correção em uma longa justificativa.

Evite

- “Qual é o seu nome verdadeiro?”
- “Mas no seu documento está outro nome...”
- Perguntas curiosas sobre cirurgias, genitais ou vida sexual que não tenham relação com a assistência.
- Comentários sobre aparência, voz ou corpo.

NOME SOCIAL NÃO É APELIDO. É A FORMA PELA QUAL A PESSOA DESEJA SER IDENTIFICADA.

5. O QUE FAZER — E O QUE EVITAR

FAÇA	EVITE
Pergunte como a pessoa deseja ser chamada.	Chamar pelo nome civil em público quando não for necessário.
Use linguagem respeitosa e objetiva.	Fazer comentários sobre aparência ou corpo.
Explique por que uma informação é necessária.	Perguntar sobre transição sem relação com a queixa.
Proteja a privacidade.	Expor a identidade de gênero para outros usuários ou profissionais sem autorização
Conduza o cuidado de forma integral.	Reduzir a pessoa à condição de “pessoa trans”.
Busque apoio/protocolo quando houver dúvida.	Improvisar condutas ou encaminhamentos sem conhecer o fluxo.

Quando houver uma situação de discriminação dentro do serviço, a equipe deve agir para interromper a prática, proteger o usuário e revisar o processo que permitiu que ela acontecesse.

A RESPONSABILIDADE PELO ACOLHIMENTO É DA EQUIPE — NÃO DA PESSOA TRANS.

6. CUIDADO INTEGRAL NA APS

A população trans tem direito ao cuidado integral. A identidade de gênero não deve apagar outras necessidades de saúde. A APS pode atuar na promoção da saúde, prevenção de agravos, acompanhamento longitudinal, vacinação, saúde sexual e reprodutiva, saúde mental, doenças crônicas e demais demandas.

Perguntas que ajudam a ampliar o cuidado

- “Existe alguma questão de saúde que você gostaria de acompanhar?”
- “Há algum medicamento ou tratamento em uso que precisamos considerar?”
- “Como está sua saúde mental e sua rede de apoio?”
- “Existe alguma necessidade de prevenção ou cuidado sexual que você gostaria de conversar?”
- “Você está conseguindo acessar os serviços de que precisa?”

Atenção às especificidades

- Pessoas em uso de hormônios podem necessitar de acompanhamento clínico adequado e articulação com serviços especializados quando indicado.
- Rastreamentos e cuidados preventivos devem considerar órgãos presentes, histórico clínico, idade, fatores de risco e recomendações vigentes — não apenas a identidade de gênero.
- Demandas relacionadas ao processo transexualizador devem ser acolhidas e articuladas à rede, sem transformar esse processo na única porta de entrada para o cuidado.

7. QUANDO ENCAMINHAR — E COMO GARANTIR CONTINUIDADE

Encaminhar não significa transferir a responsabilidade pelo cuidado. A APS deve reconhecer quando uma necessidade ultrapassa sua capacidade de resolução e, ao mesmo tempo, preservar o vínculo e acompanhar a trajetória do usuário.

Antes do encaminhamento

- Defina claramente o motivo do encaminhamento.
- Explique à pessoa por que o encaminhamento é necessário.
- Conheça o fluxo disponível no território e os critérios de acesso.
- Compartilhe somente as informações necessárias e pertinentes ao cuidado.

Depois do encaminhamento

- Verifique se a pessoa conseguiu acessar o serviço.
- Acompanhe resultados, orientações e necessidades que permanecerem na APS.
- Evite que o usuário precise repetir sua história desnecessariamente.

A APS CONTINUA SENDO REFERÊNCIA MESMO QUANDO OUTROS PONTOS DA REDE PARTICIPAM DO CUIDADO.

O Ministério da Saúde reconhece a APS como porta de entrada prioritária e orienta a articulação da rede para garantir integralidade do cuidado às pessoas trans.

8. SITUAÇÕES PRÁTICAS PARA A EQUIPE

Situação 1 — A recepção chama pelo nome civil em voz alta.

Conduta: corrigir a prática, utilizar o nome social e revisar o fluxo de chamada e cadastro para evitar novas exposições.

Situação 2 — O profissional não sabe quais pronomes utilizar.

Conduta: perguntar de maneira simples e respeitosa. Não é necessário fazer um discurso sobre a dúvida.

Situação 3 — A pessoa procura a UBS por dor de garganta e é questionada sobre cirurgia de transição.

Conduta: retornar à demanda apresentada. Perguntas sobre transição só devem ser feitas quando forem pertinentes ao cuidado.

Situação 4 — A equipe percebe que não possui um fluxo para determinada demanda.

Conduta: acolher, identificar a necessidade, consultar protocolos e gestão/rede de referência e construir um fluxo institucional para que o próximo usuário não enfrente a mesma barreira.

A EDUCAÇÃO PERMANENTE TRANSFORMA EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO EM APRENDIZADO PARA TODA A EQUIPE.

Sugestão de discussão em reunião de equipe

- Onde nosso serviço ainda pode produzir constrangimento?
- Quais informações e fluxos precisam ser atualizados?
- Como garantir que todos os profissionais saibam utilizar o nome social?
- Quem é nossa referência na rede para demandas específicas?

9. CHECKLIST DE UM SERVIÇO ACOLHEDOR

- ☐ Use esta lista para discutir melhorias com a equipe:
- ☐ A equipe sabe o que significa nome social e como utilizá-lo.
- ☐ O usuário é chamado pelo nome e pronome informados.
- ☐ O cadastro e os sistemas utilizados permitem registrar adequadamente as informações.
- ☐ A identidade de gênero não é exposta desnecessariamente.
- ☐ A equipe evita perguntas sem relação com a demanda de saúde.
- ☐ Existem fluxos para encaminhamento e contrarreferência.
- ☐ A APS mantém o acompanhamento longitudinal.
- ☐ Há espaços de educação permanente sobre diversidade e equidade.
- ☐ Situações de discriminação são reconhecidas e enfrentadas.
- ☐ A equipe conhece os serviços disponíveis na rede local.

UM SERVIÇO ACOLHEDOR NÃO É AQUELE QUE “SABE TUDO”. É AQUELE QUE SABE ESCUTAR, RESPEITAR, APRENDER E GARANTIR O CUIDADO.

Para a gestão

- Inclua o tema nos processos de educação permanente.
- Revise formulários, fluxos e rotinas que possam gerar constrangimento.
- Construa os protocolos com participação das pessoas trans do território, quando possível.

10. MENSAGEM FINAL

Cuidar da população trans na Atenção Primária não exige um atendimento separado: exige um atendimento qualificado, equânime e livre de discriminação. O acolhimento começa no reconhecimento da pessoa como sujeito de direitos e continua na construção de um vínculo que permita cuidado integral e longitudinal.

A proposta do pré-projeto que fundamenta esta cartilha é participativa: ouvir as pessoas trans, reconhecer suas necessidades e barreiras, construir coletivamente estratégias de cuidado e qualificar os trabalhadores da APS. Essa perspectiva fortalece o protagonismo dos usuários e aproxima o serviço da realidade do território.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Nota Técnica nº 10/2026-CGAEQ/DESF/SAPS/MS.** Orientações e diretrizes para aprimoramento do acesso, acolhimento e cuidado integral à população LGBTIA+ na Atenção Primária à Saúde. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **População LGBTQIAPN+.** Atenção Primária à Saúde. Página institucional do Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de saúde da população trans: orientações para acolhimento, nome social e cuidado.** 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011.** Institui a Política Nacional de Saúde Integral LGBT.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013.** Redefine e amplia o Processo Transexualizador no SUS.

Material elaborado a partir do pré-projeto: NASCIMENTO, Geomarry Silva. Guia participativo de cuidado à população trans: proposta para formação e qualificação de profissionais da Atenção Primária à Saúde. Programa de Pós-graduação em Enfermagem — UESC, 2025.